



**CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL**

**SUZANA DE CARVALHO DIOSCAR VIEIRA**

**A DOMA LITERÁRIA DA FIGURA DO GAÚCHO**

**Jaguarão**

**2016**

**SUZANA DE CARVALHO DIOSCAR VIEIRA**

**A DOMA LITERÁRIA DA FIGURA DO GAÚCHO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras Português/Espanhol – Integral da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rizzon

**Jaguarão  
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

V658d Vieira, Suzana de Carvalho Dioscar Vieira  
A doma literária da figura do gaúcho / Suzana de Carvalho  
Dioscar Vieira Vieira.  
43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E  
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2016.

"Orientação: Carlos Garcia Rizzon Rizzon".

1. Doma literária do gaúcho. I. Título.

SUZANA DE CARVALHO DIOSCAR VIEIRA

A DOMA LITERÁRIA DA FIGURA DO GAÚCHO

- \* Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 24/08/2016.

Banca examinadora:



---

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon  
Orientador  
(Unipampa – campus Jaguarão)



---

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo  
(Unipampa – campus Jaguarão)



---

Prof.ª Dr.ª Geice Peres Nunes  
(Unipampa – campus Jaguarão)

A meus filhos, Clarissa e Gabriel, que suportaram minha ausência.

A Tiago, meu marido, que esteve sempre me apoiando em toda e qualquer decisão que precisei tomar no intuito de realizar nossos sonhos.

A meus pais, pelo companheirismo e pela inspiração no desenvolvimento deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me proteger e fortalecer minha saúde e confiança no exercício desta caminhada acadêmica.

A meus filhos, pelo amor e pela espera, suportando o tempo e as distâncias... Os amo cada dia mais e mais...

A meu marido, pelo companheirismo e amor, pela segurança e força para que não desistisse de lutar.

A meus pais, pelo suporte, carinho e dedicação, e pela inspiração do tema deste trabalho.

A todos os demais familiares que estiveram presentes nesta jornada, alguns superando os quilômetros que nos separavam.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo e pelas mãos estendidas nos momentos de aperto.

Ao meu avô, que partiu antes que esta jornada fosse concluída, mas que me acompanha em pensamento, meu amor eterno.

A meus professores, que me acompanharam em minha trajetória acadêmica, pelos incentivos e conhecimentos transmitidos.

A minha escola Manoel Pereira Vargas, que me acolheu em todos os estágios, muito obrigada pela confiança.

Ao meu orientador, professor Carlos Rizzon, pelo tempo, dedicação e conhecimentos indispensáveis para o desenvolvimento deste trabalho, que soube como ninguém fundamentar minhas vivências rurais e gauchescas aliadas aos estudos acadêmicos, não existe palavras que contemplem tamanha admiração e agradecimentos, obrigada por tudo.

Enfim, a todos que participaram desta trajetória, meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O presente trabalho objetiva traçar uma trajetória da figura do gaúcho na literatura, comparando-a aos processos da doma de cavalos. Para alcançar tal proposta, são selecionadas três obras da literatura argentina: *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento; *Martín Fierro*, de José Hernández; e *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. Para isso, a personagem Facundo, por sua índole xucra, é identificada como um bagual; um potro redomão será o Martín Fierro, uma vez que estaria rendilhado em versos que revelam conformidades e rebeldias; e Don Segundo Sombra, que desponta experiência e sabedoria, é um cavalo domado, pois está desencilhado de violência. Justamente por esse seu caráter, a obra de Ricardo Güiraldes terá maior enfoque no desenvolvimento deste trabalho. O manunção teórico que referenda esta investigação segue linhas da literatura comparada, fazendo a aproximação das obras literárias tomadas como *corpus* deste trabalho e, no aprofundamento das análises, realizando uma abordagem interdisciplinar. O enfoque de marcas identitárias do gaúcho é desenvolvido através de reflexões apresentadas por Pablo Rocca, Antônio Hohlfeldt e Joana Bosak, entre outros, assinalando diferentes estágios da representação literária dessa personagem gaudéria. Junto ao referencial crítico, há o apoio das considerações de Bayard Breton Jacques e Monty Roberts sobre os processos de doma dos cavalos, exercício este que possibilita a parceria entre homem e cavalo e estabelece a construção de centauros que fizeram a história do pampa.

Palavras-chave: Gaúcho; Doma; Personagens literárias

## RESUMEN

El presente trabajo objetiva trazar una trayectoria de la figura del gaucho en la literatura, comparándola a los procesos de la doma de caballos. Para alcanzar tal propuesta, son seleccionadas tres obras de la literatura argentina: *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento; *Martín Fierro*, de José Hernández; y *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. Para ello, el personaje Facundo, por su índole salvaje, es identificado como un bagual; un potro redomón será el Martín Fierro, una vez que estaría llevado a riendas en versos que revelan conformidades y rebeldías; y Don Segundo Sombra, que despunta experiencia y sabiduría, es un caballo domado, pues está desencillado de violencia. Justamente por ese su carácter, la obra de Ricardo Güiraldes tendrá mayor enfoque en este trabajo. El manuceo teórico que refrenda esta investigación sigue líneas de la literatura comparada, haciendo la aproximación de las obras literarias tomadas como *corpus* de este trabajo y, en el ahondamiento del análisis, realizando un abordaje interdisciplinar. El enfoque de huellas identitarias del gaucho es desarrollado através de reflexiones presentadas por Pablo Rocca, Antônio Hohlfeldt y Joana Bosak, entre otros, señalando diferentes momentos de la representación literaria de ese personaje gauderio. Junto al referencial crítico, hay el apoyo de las consideraciones de Bayard Bretonha Jacques y Monty Roberts sobre los procesos de doma de los caballos, ejercicio este que posibilita la junción entre hombre y caballo y establece la construcción de centauros que hicieron la historia de la pampa.

Palabras clave: Gaucho; Doma; Personajes literarios

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. FACUNDO – MARTÍN FIERRO – DON SEGUNDO SOMBRA .....</b>	<b>14</b>
<b>3. DON SEGUNDO SOMBRA .....</b>	<b>20</b>
<b>4. O OFÍCIO DA DOMA: TIPOS DE DOMA .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 DOMA IRRACIONAL .....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 DOMA RACIONAL .....</b>	<b>30</b>
<b>5. DOMA EM DON SEGUNDO SOMBRA .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

No percurso da literatura gauchesca, rosetas chilenas arrastadas pelo tempo ora traçam a imagem de um tipo desgarrado, de espírito solitário, guerreiro de outrora, marginalizado e tido como bagual indomado, ora um sujeito redomão que vai se amansando à soga e ora um personagem que se deixa montar e tomar o rumo das carreteiras.

Nas transformações ocorridas nas obras, de um autor para outro, aspectos culturais das tradições pampianas foram mantidas, o que não impediu que também sofressem algumas modificações no que se refere ao comportamento social de um determinado sujeito, o gaúcho ou *gaucho* (nosso irmão *paisano* do lado de *allá*).

O gaúcho ou *gaucho* é um vivente histórico de uma região denominada, como já citada antes, *pampiana*, que se espraia por três países: parte da Argentina, Uruguai e a região sul do Brasil; por dois idiomas Português, Espanhol, e por uma mistura desses idiomas, o portunhol, presente em regiões fronteiriças, compondo uma linguagem muito própria.

Ao analisar a evolução do gaúcho na história e sua imagem retratada na literatura, é possível acompanhá-la guiando-se por três obras aqui selecionadas, todas de autores argentinos, de suma importância para a tradição da literatura gauchesca: *Facundo* (1845), de Domingo Faustino Sarmiento, *Martín Fierro* (1872), de José Hernández, e *Don Segundo Sombra* (1926), de Ricardo Güiraldes.

Ao cotejar estas três obras a dois processos de doma, a racional e a irracional, entramos no campo da comparação. Para isso, baseamo-nos no que aponta Henry H. H. Remak ao situar teoricamente a literatura comparada em função das relações entre diferentes campos do saber:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião, etc., em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK in COUTINHO; CARVALHAL, 2011, p. 189).

Ao aproximar a literatura à doma, redimensionamos as interpretações de leitura das obras literárias, uma vez que o movimento de uma a outra área do conhecimento revela novos

sentidos, consolidados por identidades compartilhadas pela interdisciplinaridade. Isso é o que Maria Luiza Berwanger da Silva evidencia:

Na leitura interdisciplinar, a poética da oscilação de um a outro campos aposta na prática de identidades redimensionadas. Diferentemente da questão intertextual, na questão interdisciplinar, a constante memória das fronteiras textuais, dos limites críticos e teóricos alterna-se entre o apagamento e o não-apagamento, a relação interdisciplinar sorvendo dessa hesitação justamente o lugar e o ato dos efeitos projetados sobre um e outro campos dispostos paralelamente. (SILVA, 2002, p. 48).

Para uma abordagem comparatista no âmbito da interdisciplinaridade, faz-se necessário que nos situemos, como forma de investigação, na mobilidade entre nossos objetos de estudo. No caso proposto neste trabalho, procuro me colocar na fronteira entre a literatura e a doma, seguindo pressuposto orientado por Marius-François Guyard:

O comparatista se encontra nas fronteiras, linguísticas ou nacionais e acompanha as mudanças de temas, de ideias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas. Seu método de trabalho deve-se adaptar à diversidade de suas pesquisas. Há, no entanto, condições prévias que ele deve preencher, não importa qual seja a direção que pretenda tomar [...] (GUYARD in COUTINHO; CARVALHAL, 2011, p. 108).

Entendo que uma das condições prévias da minha proposta de análise seja o conhecimento dos processos da doma. Em relação a isso não há receio, pois trago de berço o sangue do domador. Desde a infância vivencio, seja do meu avô, ou de meu pai ou, hoje, do meu esposo, a prática de quebrar os queixos dos baguais.

A doma de cavalos associada à leitura de *Facundo*, *Martín Fierro* e *Don Segundo Sombra* estabelece relações que possibilitam a atenção às entrelinhas dessas obras, pois, espreitando o olhar para além do horizonte, vislumbram-se imagens e condições de identidades gauchescas.

Não há como separar estas obras, defini-las como fechadas, sem estabelecer conexão, pois é possível verificar uma sequência entre elas, construindo uma trajetória identitária. Apresentam a evolução não só de personagens, mas de uma figura regionalista que ultrapassou fronteiras, que saiu do campo da imaginação e ganhou o pampa e a história.

O cavalo, assim como o gaúcho, passou por diversos processos, deixando de ser o animal silvestre que corria pelos campos, livre, dominado somente pelas éguas-madrinhas, que são comandantes das grandes manadas silvestres. Em suas essências individuais, os cavalos são baguais, xucros, ariscos; depois passam pela fase do reconhecimento, do ganho de

confiança, aceitam uma leve aproximação; e após, durante um longo período, desenvolvem um processo de ajustes, aprimoramentos, até atingirem a condição de domados.

Ao comparar estes dois processos evolutivos, o de doma de cavalos e a descrição do gaúcho na literatura, é possível reconhecer pontos em comum, como descreve Augusto Meyer ao destacar o individualismo, o sangue quente e a vitalidade pertencentes a seres mitológicos, tal qual um minotauro ou um centauro, homem e animal se complementando em gambeteadas e campereadas:

A violenta expansão de individualismo, quase narcisismo, que palpita ainda em tais vocábulos! Palavras de sangue quente, revelam o excesso de vitalidade que se apega ao desafio e à ebridez de si mesmo, como o touro escarva a terra. É menos egolatria e mais do que bravata, é uma força que se gasta por necessidade. (MEYER, 1960, p. 18).

A leitura da obra *Prosa dos Pagos*, de Augusto Meyer, um dos aportes críticos adotados neste trabalho, fez com que me identificasse com a forma de escrita nela utilizada e, proseando com meu orientador, descobri que poderia fazer uso de minha familiar linguagem abagualada. Essa proposta pode causar algum estranhamento acadêmico, no entanto não encontro outra forma melhor para expressar o que pretendo apresentar, pois acredito que meus objetos de estudo requerem um palavreado próprio, identificado com o mundo arrinconado em que vivo. Espero que essa prosa seja do agrado daqueles que se entreverem na leitura desta empreitada.

## 1 REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO

Enquanto se manuncia os escritos, vai-se tirando as “cóscas” da história que tenta desvendar quem é o sujeito carrancudo, que em seu silêncio fala através de seus feitos, muda sua imagem dentro da literatura, que consegue quebrar preconceitos que espreitam por trás de linhas traçadas daqueles que desconhecem seus mistérios e causos.

O gaúcho, em suas primeiras aparições na literatura, foi descrito como bandoleiro, livre ou como recrutado soldado que, com o final da guerra, ficou sem rumo e sem pago certo. Não tinha rancho para pousar, virou filho do pampa, o seu único pertencimento. Compartilhou, quiçá, esse espaço com os cavalos selvagens que, como ele, tinham a liberdade na alma. O *gaucho* não era amparado pela sociedade, ao contrário, foi perseguido pela lei. Deste modo, construiu seu próprio reino no lombo do cavalo e com uma lança ou uma carneadeira nas mãos. Não se deixava dominar por nenhum trançado de oito<sup>1</sup>, vivia sem lei nem rei, seu dono era seu próprio mundo e seu destino era incerto. Assim, cavalgou pelos campos de todo o pampa, sem importar-se com limites territoriais das nações.

Para o pesquisador interessado em estudar a história e a presença do gaúcho, chama a atenção, desde logo, o fato de que a bibliografia disponível, seja ela argentina, uruguaia ou brasileira, termina por ser essencialmente a mesma. Ainda que alguns autores advoguem por vezes perspectivas que pretendam encontrar diferenças naquele tipo social, confluem os estudos naquilo que é essencial. (HOHLFELDT, 2006, p. 21).

Fazendo uma breve recorrida nas invernadas da história, sobretudo na prosa da historiadora Carla Renata Souza Gomes, que reculuta as denominações atribuídas a este sujeito, os homens largados no campo eram chamados inicialmente de *changueadores*, surgidos após a introdução do gado na região do pampa. A aparição do gaúcho está vinculada à Província de Santa Fé, na Argentina, devido à instalação das primeiras estâncias no território pampiano.

Os changueadores viviam de changas, serviços que os espanhóis prestavam para os portugueses. Na função de vaquear, saqueavam o couro e o sebo, que eram trocados, na vila de Rio Grande por mercadorias de seus interesses, como fumo e vestimentas, entre outros produtos que necessitavam.

---

<sup>1</sup>*Trançado de oito*: laço trançado com oito tentos (tiras finas de couro).

O couro, nesta época, foi o elemento fundamental para a manutenção do trabalho na exploração do pampa e também na origem do termo gaúcho. A partir da função dos changueadores, surgiu uma denegrada imagem formada pela sociedade, que os via como bandidos porque cometiam atos ilícitos e violentos, pois o comércio de couro e sebo propiciava o contrabando nas fronteiras das colônias espanhola e portuguesa.

Com a vinda do gado do Paraguai, juntamente com o cavalo, os changueadores ganharam expressão ao exercer, montados no cavalo, a função de pastores dos rebanhos bovinos (gado orelhano). Outra importância do homem do campo com habilidade de montaria se retratava nas guerras por independência das nações americanas, nas lutas revolucionárias e nas batalhas de conquistas de territórios.

A ligação entre homem e cavalo foi mantida nos tempos do tempo, fazendo-se presente em grande parte das obras literárias gauchescas. Ambos não se separam, estabelecendo uma relação de dependência muito forte em que o gaúcho, tanto na guerra como em suas changas campeiras nas lidas com o gado, necessita deste parceiro fundamental. Isso o fez ganhar a denominação de centauro dos pampas em tempos de guerra e de monarca das coxilhas no intervalo das lutas. Antônio Hohlfeldt descreve,

O monarca das coxilhas é referência direta ao fato de que, ainda no decorrer do século XIX, seria impossível imaginar-se um gaúcho sem seu cavalo, isto significando o animal e mais todos os apetrechos necessários para montá-lo e utilizá-lo nas lidas campeiras. O gaúcho, assim, montado no animal, transforma-se em autoridade e, do alto do cavalo, é como um monarca, cavalgando nas coxilhas, que conhece como a palma das mãos. (2006, p. 34).

Assim, no contexto das guerras e do pastoreio, foi forjada uma identidade gaúcha sorvida em páginas literárias. No entanto essa não é uma imagem que retrate a realidade, pois sua representação artística costuma ser acentuada por uma carga mitológica e, também, por apresentar uma visão do ambiente campeiro criada por autores letrados da cidade. Para o crítico Pablo Rocca, a literatura gauchesca inventou um *gaucho de papel*, ou seja, são narrativas que, embora muitas vezes inspiradas em figuras históricas que povoaram o pampa, constroem uma personagem idealizada pelo imaginário. Nesse intuito, os autores se utilizam do rico ambiente cultural constituído pelo espaço poroso da fronteira, seja por temas, por fatos ou por vocabulário, para compor uma estética original em que a escrita buscará uma máxima aproximação com a oralidade. Segundo o mesmo crítico uruguaio, analisando a gauchesca cisplatina – mas cujo argumento também pode ser entendido em relação ao regionalismo

gauchesco que marca a sua presença frente à literatura brasileira–, a uma proposta política em obras de cunho *criollo*, pois

(...) que la gauchesca fuera vista como una alternativa para la creación de una lengua literaria americana, como el primer paso de un proyecto de emancipación cultural de España, que se desvía de su fonética e de su sintaxis sin que esto suponga romper con el castellano culto de manera radical – aunque muy a menudo burlándose de la fonética castellana peninsular –, nutriéndose de lusitanismos, de algunos préstamos lingüísticos de etimología indígena e introduciendo construcciones de un refranero criollo que en no pocos casos sobrevive hasta hoy. (ROCCA, 2009, p. 14).

Se se compreende que, na literatura, há uma inovação que se espraia na imaginação, de certa forma, o gaúcho ainda sobrevive na realidade rural, recriado e transformado pelo tempo, mas que ainda mantém vivas algumas chamas de seus traços de origem. No dia a dia muitos campeiros ainda madrugam e contam causos de tropeadas e de *malabrujos* que encontraram no meio das manadas de cavalos xucros prontos para a doma.

## 2 FACUNDO – MARTIN FIERRO – DON SEGUNDO SOMBRA

*Un hombre en la pampa sabe mirar a otro hombre y comprende lo irreparable de ciertas decisiones.*

Ricardo Güiraldes, *Don Segundo Sombra*

Seguindo a intenção comparativa deste trabalho, que tem como objetivo principal acolher a evolução do gaúcho às etapas da doma de cavalos, podemos então, partindo desta imagem, ilustrar esta primeira etapa do processo de domesticação. Como imagem de um cavalo xucro, totalmente selvagem e desprovido de mansidão, apontamos *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, obra publicada na forma de folhetim em 1845. Focava as disputas de poder entre unitários e federalistas nos primórdios da Argentina como nação independente da colônia espanhola, contextualizando visões políticas sustentadas no confronto civilização – barbárie.

Sarmiento, opositor do governo federalista, descreveu o caudilho Juan Facundo Quiroga como uma personagem totalmente bruta, desvinculada de uma sociedade intelectualizada e que não se sujeitava aos breques da civilização. Para o político unitário, Facundo é um selvagem sem traços de um dia ter visto mania, como se observa em:

Facundo es un tipo de la barbarie primitiva: no conoció sujeción de ningún género; su cólera era la de las fieras: la melena de sus renegridos y ensortijados cabellos caía sobre su frente y sus ojos, en guedejas como las serpientes de la cabeza de Medusa; su voz se enroquecía, y sus miradas se convertían en puñaladas. Dominado por la cólera, mataba a patadas, estrellándoles los sesos a N. por una disputa de juego; arrancaba ambas orejas a su querida por que le pedía, una vez, treinta pesos para celebrar un matrimonio consentido por él; y abría a su hijo Juan la cabeza de un hachazo porque no había forma de hacerlo callar; daba bofetadas, en Tucumán, a una linda señorita a quién ni seducir, ni forzar podía. En todos sus actos mostrábase el hombre bestia aún (...). En la incapacidad de manejar los resortes del gobierno civil, ponía el terror como expediente para suplir el patriotismo y la abnegación. (SARMIENTO, 1999, p. 86).

*Facundo*, uma obra carregada de implicações ideológicas, revela segredos de um propósito político, apresentando manifestações de enfrentamento entre a civilização de tradição europeia e a barbárie indígena americana, esta representada pelo chefe federalista Facundo, presença viva das tradições populares, na política e nas revoluções argentinas. De natureza fria e cruel, a personagem de Sarmiento pode ser comparada ao primeiro processo de

doma, quando o cavalo é trazido pela primeira vez para a mangueira, entre bufadas, trocas de orelhas e olhada de caborteiro. Colocado à soga, tenta desvencilhar-se do maneador de couro cru – reaproveitamento do que sobrou de algum orelhano –, corcovos encobertos pela poeira da mangueira são marcas do primeiro encontro entre bagual e domador:

Na hora da primeira pegada, os potros eram colocados em um lugar cercado de muros; obviamente eram cavalos inteiros. Imagine-se o que é pegar um lote de potros inteiros de três anos à unha? Mordidas, manotaços, patadas para todos os lados. Morriam ou ficavam feridos muitos moços e também potros. Era um estrago. (JACQUES, 2008, p. 38).

Neste primeiro encontro, em que homem e cavalo se olham profundamente, o homem tem a sua frente dois caminhos a seguir: mostrar sua força e dominar o animal, colocá-lo amarrado em um palanque enredado por um maneador onde ele irá corcovear, se jogar ao chão, bufar e atirar coices e manotaços para todos os lados enquanto sucumbe de dor; ou segue outro caminho, aquele em que demanda maior paciência de ambas partes, quando são estudados movimentos e, conforme for a vulnerabilidade do cavalo, as distâncias vão se encurtando, e homem e cavalo se aproximam atingindo o primeiro objetivo, o de ganho de confiança.

Assim como o cavalo em seu primeiro contato com o domador, quando ambos estão carregados de desconfiança, medo do desconhecido e tentando se posicionar na defensiva, encontra-se *Facundo*, que descreve uma personagem violenta e sanguinária que não se deixa domar pela civilização. Esse espírito também povoou os primeiros versos populares que cantaram um gaúcho valente que lutava contra a dominação colonial no século XIX, conforme destaca Antônio Hohlfeldt:

A transposição do gaúcho para a literatura é um fenômeno que alcançou maturidade ao longo do Romantismo. Na verdade, na fase de formação ou de plena afirmação, inexistiu uma literatura que o documentasse, simplesmente porque sua eventual produção literária não foi além das manifestações orais que, mais tarde, foram rememoradas ou recriadas em coplas ou cielitos. (2006, p. 22).

A associação à brutalidade está contida nos primeiros registros que apresentam a denominação *gaucho*. Segundo a pesquisadora Virginia Bertolotti, são boletins de ocorrência ou *partes* que, desde o século XVIII descreviam delitos praticados por vagabundos, andarilhos sem pago:

Un cuarto de siglo después de la primera documentación de gauderio tenemos la acuñación oficial del término gaucho, si aceptamos que las formas gahuchos,

garruchos, gabuchos son variaciones ortográfica de la pronunciación /gaú o/. Este primer uso documentado del término se encuentra en una carta del comandante de Maldonado, Pablo Carbone-II, al gobernador Juan José de Vértiz y Salcedo, del 23 de octubre de 1771. (BERTOLOTTI, 2007, p. 175).

Esta passagem relata uma batida policial composta por 34 homens em busca de gaúchos, ladrões de gado que, segundo denúncias, escondiam-se em uma serra. Destaca-se aqui a apresentação marginalizada desse sujeito, que se esconde depois de cometer roubos, perseguido pela lei.

Este sujeito despreza qualquer cabresto que tenta sujeitá-lo, corcoveia no intuito de impedir que o encilhem, os campos são seu habitat natural, sem regras e sem linhas divisórias. Para Sarmiento, essa foi a forma de governo do caudilho Facundo, provinciano bárbaro que tomou o poder na Argentina na década de 1820:

La naturaleza campestre, colonial y bárbara, cambióse en esta metamorfosis en arte, en sistema y en política regular capaz de presentarse a la faz del mundo, como el modo de ser de un pueblo encarnado en un hombre, que ha aspirado a tomar los aires de un genio que denomina los acontecimientos, los hombres y las cosas. (SARMIENTO, 1999, p.6).

Facundo, enquanto figura literária, representava a imagem de um homem forte que, junto a seu cavalo, era capaz de vencer qualquer barreira, qualquer guerra, bastava que lhe dessem cancha para que seu instinto xucro se manifestasse:

La vida de a caballo, la vida de peligros y emociones fuertes, han acerrado su espíritu y endurecido su corazón; tiene odio invencible, instintivo, contra las leyes que lo han perseguido, contra los jueces que lo han condenado, contra toda esa sociedad y esa organización a que se ha sustraído desde la infancia y que lo mira con prevención y menosprecio. (SARMIENTO, 1999, p. 85).

Seguindo a representação do gaúcho, passamos para a segunda personagem a ser analisada neste texto, *Martín Fierro*, de José Hernández, poema publicado em 1872 e que retrata a imagem de um gaúcho revoltado com a vida que leva e com as circunstâncias que o cercam, que o retiram de seu rancho e o transformam em soldado, obrigando-o a se distanciar de seu pago e de sua família.

Martín Fierro é descrito como um gaúcho valente e justo, movido por suas próprias leis que, devido às circunstâncias que surgiram em seu caminho, o levaram a cometer atos que não se enquadravam em sua vida anterior, a de pai, esposo e peão. Virou o guerreiro que buscava justiça com as próprias mãos e tinha como justificativa vingar-se dos abusos

praticados contra ele e sua família. Sua mudança de comportamento vem descrita nos seguintes versos:

No hallé ni rastro del rancho;  
 ¡sólo estaba la tapera!  
 ¡Por Cristo, si aquello era  
 pa enlutar el corazón:  
 yo juré en esa ocasión  
 ser más malo que una fiera! (HERNÁNDEZ, 1967, p. 48).

Fierro pode ser comparado aqui com o segundo processo de doma, o bocal, etapa em que o cavalo é submetido ao uso do instrumento de couro no intuito de começar a se sujeitar, obedecer aos comandos do domador. Esta etapa requer intensa concentração, é nesta fase que o domador descobre as qualidades e defeitos do redomão e, também, a lidar com seus rompantes de violência. O potro se amansa e permanece sendo domado ou se torna um aporreado<sup>2</sup>, descartado da tropilha em doma. Fierro é o redomão, se encontra em processo de doma na literatura, pois José Hernández apresenta a sua personagem com um caráter pacato e tranquilo, mas que não segura suas atitudes revoltosas quando lhe apertam a cincha, muda seu comportamento de acordo com os acontecimentos que vão sucedendo, tal qual um potro que não age, simplesmente reage a cada ação sofrida.

Y sepan cuantos escuchan  
 de mis penas el relato  
 que nunca peleo ni mato  
 sinó por necesidá  
 y que a tanta alversidá  
 sólo me arrojó el mal trato”. (HERNÁNDEZ, 1967, p. 16).

Sujeito ainda não totalmente domado, Fierro pode ser enquadrado em um eixo maior deste processo, na primeira divisão de modalidades: racional e irracional. Este se encaixa na doma irracional pela brutalidade com que foi conduzido, uma vez que foi submetido à prisão e teve sua vida sujeita a mandos e desmandos dos homens da lei. Sofreu violência física e moral, no entanto defendia a doma racional, adotava preceitos indígenas de domesticação, tratava seus potros de maneira diferente de como ele mesmo era tratado.

Pa quitarle las cosquillas  
 Con cuidao lo manosea;  
 Horas enteras emplea,  
 Y, por fin, sólo lo deja

---

<sup>2</sup>Aporreado: cavalo arisco usado em rodeios, em gineteadas.

Cuando agacha las orejas  
Y ya el potro ni cocea. (HERNÁNDEZ, 1967, p. 134).

Contextualizando a obra *Martín Fierro* à história, pode-se dizer que Hernández, através da personagem Fierro, deu voz ao povo excluído que vivia no pampa. Perseguidos pelo regime militar, homens eram recrutados à força para que servissem nas fronteiras, onde executavam o extermínio do mundo indígena em peleias sangüinárias. Aldyr Garcia Schlee, em seu texto *Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos*, diz que Martín Fierro:

é um pobre que um dia saiu a conhecer o mundo, é dizer saiu contra sua vontade de seu pago por conta do arresto forçado para os fortins militares de fronteira onde fora obrigado a servir como soldado, não pretendendo ser mais que uma cópia do gaúcho vítima de abusos e desgraças, acabou sendo mais semelhante do que o original. (SCHLEE, 1989, p. 83).

Hernández pretendia fazer de Fierro um representante legítimo do povo argentino, delatando as injustiças e perseguições sofridas pelos habitantes do pampa, gaúchos não domados para a vida urbana.

Don Segundo Sombra de Ricardo Güiraldes, terceira personagem apontada neste trabalho, apresenta a imagem de um gaúcho que, apesar de manter a figura que reclusa traços de Facundo e Martín Fierro, traz em sua concepção a solidão, porém menos acentuada como nos outros dois. Resgata também o homem do campo habituado com a lida campeira, mas que não deixa de lado sua alma livre e sem pago definido.

Pero por sobre todo y contra todo, Don Segundo quería su libertad. Era un espíritu anárquico y solitario, a quien la sociedad continuada de los hombres concluía por infligir un invariable cansancio. Como acción, amaba sobre todo el andar perpetuo; como conversación, el soliloquio. (GÜIRALDES, 2009, p. 146).

Embora Don Segundo Sombra carregue consigo traços semelhantes das outras duas personagens citadas, apresenta uma imagem mais branda, pois permite-se ter amigos, dedica-se à educação e criação de um piá que encontrou pelos corredores, ensina-lhe o caminho que o levará a ser um homem correto e trabalhador, conhecedor da lida campeira e das armadilhas que a vida, por vezes, lhe apresentará, perfil este que faz de Don Segundo Sombra um sujeito civilizado, domado:

¡Cuánto había andado ese hombre! En todos los pagos tenía amigos, que lo querían y respetaban, aunque poco tiempo paraba en su punto. Su ascendiente sobre los paisanos era tal que una palabra suya podía arreglar el asunto más embrollado. Su

popularidad, empero, lejos de servirle parecía fatigarlo después de un tiempo. (GÜIRALDES, 2009, p. 146).

Don Segundo Sombra deu novo significado à denominação gaúcho, seguindo esta linha literária das três personagens apresentadas. Este desconstrói a descrição encontrada nas outras duas obras, abrandando a concepção do valor depreciativo desta nomenclatura que já não recebe muitas miradas de soslaio.

Facundo e Fierro, apontados como representantes nacionais de suas épocas, são o avesso de Don Segundo, personagem que desfaz a imagem de revolucionário e meliante. Don Segundo suaviza estas imagens, apresentando um gaúcho que sustenta a alcunha histórica, porém consegue se aproximar do ideal representante da região pampiana. Profissional e socializado, embora aventureiro e solitário, Don Segundo, diferente dos seus antecessores, é racional, conforme explica Joana Bosak:

Do ponto de vista literário, a preocupação em identificar o habitante do pampa no Facundo impõe, como inexorável desde então, a já referida dicotomia civilização e barbárie.

O romance *Don Segundo Sombra* faz o movimento contrário do clássico antitético *Martín Fierro*, porque o gaúcho barbarizado de José Hernández é *malo*, porque vítima de uma sociedade injusta. Com *La vuelta de Martín Fierro*, os ânimos já começam a se apaziguar, pois que a velhice traz sabedoria e calma ao *gaucho*. *Don Segundo Sombra*, a síntese, é, finalmente, o *gaucho* sábio, “civilizado”. (BOSAK, 2006, p. 59).

A personagem de Ricardo Güiraldes passou a ser então a sombra destes outros dois gaúchos, pois conservou, talvez, somente o instinto de desbravador do pampa, deixando de lado a violência e a imagem de mau. Assim se sobrepôs à dicotomia civilização/barbárie e também ao *gaucho* injustiçado.

### 3. DON SEGUNDO SOMBRA

*Si sos gaicho en de veras, no has de mudar, porque andequiera que vayas, irás con tu alma por delante como madrina y tropilla.*

Ricardo Güiraldes

A obra *Don Segundo Sombra* foi especialmente escolhida para ser analisada neste trabalho com o intuito de representar a figura do sujeito domado, do homem pampiano de lida campeira que mais se aproxima da atual imagem do gaúcho, uma vez que a denominação da personagem destacada na narrativa, Don Segundo, está baseada, conforme aponta a pesquisadora Joana Bosak, na existência de um homem que inspirou Güiraldes, chamado Don Segundo Ramírez. Essa afirmação é respaldada por Jorge Luis Borges, que comenta sobre o ciúme de outros tropeiros:

(...) yo conocí a Don Segundo, el gaicho de Güiraldes. [...] Un hombre de pocas palabras, bajo, fornido. Me contó un empleado de la Biblioteca Nacional, hijo de uno de los troperos que menciona Güiraldes en el prólogo de la obra, que en San Antonio de Areco había unos cuchilleros que tenían mucha fama, uno de ellos era guardaespaldas del padre de Güiraldes, y que cuando Ricardo publicó un libro dedicado a don Segundo Ramírez, se quedaron atónitos y como, además, a Don Segundo lo veían como extranjero, porque era santafesino, le tomaron mucha rabia. (BORGES in VÁZQUEZ, 2001, p. 259).

A questão de Sombra ser usado como sobrenome pode ser relacionada à questão dessa carga ideológica e tradicional carregada por esta personagem que traz em sua mala de garupa traços de Facundo e de Martín Fierro, sombras do passado, marcas comuns entre eles. O romance, narrado em 1ª pessoa através da voz de Fabio Cáceres, piá criado e guiado por Don Segundo Sombra, conta o caso de sua caminhada ao lado do padrinho, homem que vivia de pago em pago, domando ou tropeando gado de um paradeiro a outro. Com poeticidade quase palpável, descreve em prosa paisagens pampianas visíveis aos olhos de quem lê esta obra, declarando enfaticamente uma devoção pela terra e pela vida campeira e andarenga. Na fortuna crítica, especula-se que a personagem de Don Segundo está baseada em Segundo Ramírez Sombra, um paisano que Güiraldes conheceu em sua infância. De acordo com Jorge Luis Borges, em entrevista a María Esther Vázquez, o autor foi muito feliz na escolha do

título da obra, ressaltando: “Qué buen tino tuvo Güiraldes al abreviar Segundo Ramírez Sombra en Segundo Sombra; es como si repitiera dos veces algo de lejanía. ¡Qué lindo título, María Esther! ¡Qué suerte que se le ocurrió! Es tan difícil encontrar buenos títulos” (in VÁZQUEZ, 2001, p. 264).

Fabio, protagonista do romance, não dá nome à obra. O destaque é para Don Segundo, padrinho e responsável pela criação do piá, aquele que o puxava a cabresto e, a rebencãos, o aconselhava com a mesma autoridade designada a um pai:

Hacete duro, muchacho, me había dicho una noche Don Segundo, asentándome un rebencazo por las paletas. A su vez, la vida me rebenqueaba con el mismo consejo. Pero qué mal golpe que me aflojaba la voluntad hasta los caracuses, sugiriéndome la posibilidad de volver hacia atrás con un ruego de amor para una hembra enredadora. (GÜIRALDES, 2009, p. 240 -241).

Entende-se que o motivo da obra levar outro nome, encobrando o protagonista, refere-se à questão de transmissão de conhecimentos. O detentor da sabedoria é o responsável pelos conselhos e pela garantia de que o pequeno piá seguirá pelo caminho correto, sem desvios de conduta. O padrinho é quem tem essa missão, cada passo é guiado por ele. A primeira gineteada, o primeiro tombo, os primeiros passos na arte de domar e de tropear, cada ensinamento ocorre a seu tempo, conforme a situação se apresente a ambos, naturalmente, sem atropelos. Para José Luis De Diego, a opção de Güiraldes em dar título ao romance não ao protagonista, mas ao apadrinhador, é relevante porque:

El reemplazo produce un doble efecto: jerarquiza al guía y su papel en el proceso de aprendizaje, y desjerarquiza al protagonista, que ya no es el sujeto del aprendizaje, sino el objeto de las enseñanzas del guía. La lectura de la novela parece confirmar la elección del título. (DE DIEGO, 1998, p. 11)

Ricardo Güiraldes e Fabio formam uma parêntese com caminhos semelhantes. A aproximação do escritor, que era homem culto e socializado, um verdadeiro *cajetilla*<sup>3</sup>, a Don Segundo, leva o autor à vida do campo, como citou De Diego: “el cruce del cajetilla con el gaucho (el smoking y el chiripá, según la metonimia de [Paul] Groussac), entonces, resulta un proyecto ideológico que encarna de manera muy visible en otro célebre cruce: el de vanguardia y criollismo” (1998, p. 13). O caminho de *cajetilla* a gaúcho (Don Segundo) também foi seguido, de forma muito parecida, por Fabio, pois, em um primeiro momento,

<sup>3</sup>*Cajetilla*: pessoa que gosta do bom viver.

deixou a casa de suas tias, a escola formal, a cidade e tornou-se *gaucho*, passou a viver no campo, seguiu a escola da vida. Mais tarde, após muitos ensinamentos adquiridos na vida *gaucha*, descobriu-se herdeiro de uma estância, então deixou a grossura do *gaucho* e passou a ser um *cajetilla*, mas com uma bagagem grande de conhecimentos campeiros: “En mi condición anterior, nunca me ocupé de mi nacimiento; guacho y gaucho me parecían lo mismo, porque entendía que ambas cosas significaban ser hijo de Dios, del campo y de uno mismo”. (GÜIRALDES, 2009, p. 303). Seu tutor estancieiro, Don Leandro, reconhece a transformação de Fabio: “Ya has corrido mundo y te has hecho hombre, mejor que hombre, gaucho. El que sabe de los males de esta tierra, por haberlos vivido, se ha templado para domarlos...” (idem, p. 304).

Na introdução de *Don Segundo Sombra*, na sua primeira edição pela Cátedra, de 1978, traz em suas linhas, além de informações sobre a vida de Güiraldes, a ideia principal desta análise, ou seja, a relação de três obras de suma importância para desvendar e percorrer através da literatura gauchesca a trajetória do gaúcho:

Un libro que tuve la dicha de celebrar en su momento, realiza la tercera jornada épica de la literatura nacional, cumplidas las otras dos por *Facundo* y por *Martín Fierro*. Él completa la trinidad que señalaremos con orgullo, cuando el extranjero nos pregunte por las expresiones genuinas del país, como un luminoso certificado de raza. (SAZ in GÜIRALDES, 2009, p. 21).

Don Segundo Sombra, personagem que representa a imagem mais branda do gaúcho, sujeito este, desprovido de atos violentos, que não *veiaqueia* sem motivos, pois é desprovido de sestros e possui uma alma manunciada, se destaca dos outros dois personagens já discutidos. Sombra preserva de seus antecessores a liberdade no sangue, o instinto de desbravador dos pampas e também, a seu modo, não aceita cabrestos nem maneias.

Don Segundo Sombra representa um homem capaz de se dedicar à educação de um piá, Fábio, que encontrou guaxo pelos caminhos da vida, passando a ele seus conhecimentos e valores. Demonstrou, através de seus atos, que todas as pendengas podem ser resolvidas pela palavra e pelo tempo, e que a violência se faz desnecessária quando se tem em mãos a sapiência de um gaúcho que já enfrentou muitos ventos minuanos e que a todos sobreviveu. O primeiro encontro entre padrinho e afilhado apresentou a figura vindoura de outrora, conservada pelo tempo, pela tradição e pelos costumes, trazendo a doma como cabresto que puxa traços de uma época passada. Essas questões podem ser percebidas pelas palavras da própria personagem Fabio “me pareció haber visto un fantasma, una sombra, algo que pasa y

es más una idea que un ser; algo que me atraía con la fuerza de un remanso, cuya hondura sorbe la corriente del río.” (GÜIRALDES, 2009, p. 79).

Conforme a descrição feita pelo piá de *Don Segundo Sombra*, no aparte acima, é possível perceber a compilação de presente e passado, imagens que se fundem e apresentam uma força que prende o olhar, aprisiona as vontades e determina um caminho para o pequeno desafortunado que se encontrava perdido na vida, um guaxo sem previsão de destino. Trazendo a analogia dos guaxos, Joana Bosak resume o significado do abandono e a forma orelhana como vive Fabio. Apresenta, em sua análise, Don Segundo como responsável pela transição de *guacho* a *gaucho* e aponta como uma das principais discussões de sua tese a comparação entre a personagem Don Segundo e o próprio autor Güiraldes. Fala também da doma utilizada em relação à tradução da obra do autor argentino para o português, feita pelo escritor Augusto Meyer, em 1952, e revisada por Aldyr Garcia Schlee, em 1997:

Os guaxos nada mais são que os próprios gaúchos, trocadilho do qual também se utiliza Güiraldes em sua obra, pois que Fabio Cáceres, o protagonista, nada mais é que um guaxo aprendendo a ser gaúcho, através da figura de um sábio peão, Don Segundo Sombra.(BOSAK, 2006, p. 15).

Don Segundo é descrito pelo narrador como uma figura simples, comum, é apresentado como um gaúcho pobre, mas possuidor de uma grande e nobre presença de espírito que vai sendo contada no decorrer da obra.

Su indumentaria era de gaucho pobre. Un simple chanchero rodeaba su cintura. La blusa corta se levantaba un poco sobre un ‘cabo de güeso’, del cual pendía el rebenque tosco y ennegrecido por el uso. El chiripá era largo, talar, y un simple pañuelo negro se anudaba en torno a su cuello, con las puntas divididas sobre el hombro. Las alpargatas tenían sobre el empeine un tajo para contener el pie carnudo. (GÜIRALDES, 2009, p. 82).

A descrição acima nos remete à estampa campeira genuinamente gaúcha, naturalmente um domador, homem do campo, simplicidade carregada de significados. Para Bosak, esses traços da personagem são o poncho que veste o autor Güiraldes, como se ambos ocupassem duas personalidades de um mesmo corpo, duas versões de vida, uma rural e outra urbana. Ainda, de acordo com a pesquisadora, *Don Segundo Sombra* é

(...) uma história do amor de um homem por sua terra, é a descoberta de Güiraldes, homem viajado, por sua própria terra, a Argentina. Por isso, as paisagens do Pampa, os crepúsculos, o relevo, os campos, as coxilhas aparecem permanentemente na narrativa, bem como os costumes dos peões, as lidas rurais, os rodeios, marcações, castrações, enfim, todo o tipo de atividade pastoril é elencado, (...) Ou seja, o

contexto de *Don Segundo Sombra* é a Argentina rural, agropastoril, atemporal, onde o modelo de homem é o gaúcho, soberano dos campos, “monarca das coxilhas”, um verdadeiro “centauro”, que preza, acima de tudo, sua liberdade, como se não quisesse ser “domado” pela civilização e pela modernidade que ia derrotando a vida rural. (BOSAK, 2006, p. 84-85).

Como análise, podemos ainda trazer a crítica à novela *Don Segundo Sombra* feita por De Diego ao citar Paul Groussac, que disse em uma entrevista para o jornal *La Nación*: “diria sin intenciones de crítica, que se le ha olvidado el smoking encima del chiripá” (DE DIEGO, 1998, p. 12). O crítico também referiu-se à ambigüidade autor-personagem existente por trás da confecção desta obra, enfatizando a ideia de que smoking representaria a vida urbana de Güiraldes, e o chiripá (*Don Segundo Sombra*) seria a outra metade rural, a sombra de seu criador.

*Don Segundo Sombra*, conforme aponta Joana Bosak, não se permitiu domar pela urbanidade. Limitou-se a viver no campo, afastado da dita civilização. No entanto, enquanto figura literária, está longe de ser um guerreiro bruto, *malabrujo* ou um renegado de vento nas fuças e, nesse sentido, é possível admitir que, pela sua paciência e sabedoria, é um gaúcho deveras domado.

#### 4 O OFÍCIO DA DOMA: TIPOS DE DOMA

*Não cria guaxo, mas cria perto do teu olhar o  
potrilho do teu andar.*

*João Simões Lopes Neto*

O desenvolvimento da comparação feita entre as três personagens, Facundo, Martín Fierro e Don Segundo Sombra, formou, sobretudo, uma linha desenhada de personalidades do gaúcho que foi sendo modificada obra a obra, criando outras visões da sociedade sobre o gaúcho. Tomei como eixo comparativo, de uma maneira mais aprofundada e atrevida, o exercício da doma de cavalos, passando por todas as etapas, desde o bagual trazido pela primeira vez à mangueira até a finalização, quando se tem um cavalo pastando com as rédeas de arrasto.

A doma possui um desenvolvimento bem visível, gradual e, como qualquer outro processo, também requer tempo e determinação. No entanto, cada cavalo possui um temperamento próprio, variando a inteligência, a mansidão ou a agressividade. Neste último aspecto, existem os caborteiros por natureza, os Facundos da vida, que não se entregam, morrem atirando coices e manotaços, assim como encontramos no texto de Domingo Faustino Sarmiento:

Una partida le da alcance [a Facundo]: hace frente, libra una verdadera batalla, que permanece indecisa por algún tiempo, hasta que, dando muerte a cuatro o cinco, puede continuar su camino, abriéndose paso, todavía, a puñaladas, por entre otras partidas que hasta San Luis le salen al paso. (SARMIENTO, 1999, p. 82).



Figura 1: Bagual

Foto: Suzana de Carvalho Dioscar Vieira. Janeiro de 2016.

Os manunciados, de queixo quebrado, experimentam o bocal, primeiros indícios de submissão, o começo da entrega, estão em processo de doma. Às vezes tranquilo, troca orelhas, olha de canto, bufar, mas se sujeita ao domínio do homem. Aqui se tem meio caminho andado, uma vez que, depois de lutar e sofrer, se cansa. Não querendo se entregar, ainda busca forças para corcovear, mas sem a mesma força de antes. Aqui os Fierros caem, mas não se afrouxam, reconhecem que estão perdendo a liberdade, porém acreditam que ainda tem muita peleia pela frente. Essa imagem encontramos na personagem de José Hernández:

Y allí el gaucho inteligente,  
 en cuanto el potro enriendó,  
 los cueros le acomodó  
 y se le sentó en seguida,  
 que el hombre muestra en la vida  
 la astucia que Dios le dio.  
 Y en las playas corcoviando  
 pedazos se hacía el sotreta  
 mientras él por las paletas  
 le jugaba las lloronas  
 y al ruido de las caronas  
 salía haciéndose gambetas. (HERNÁNDEZ, 1967, p. 18).

Depois de passar pelos primeiros galopes, de ser enfrenado de baixo e montado, se pode dizer que está quase manso. Precisa de ajustes e tempo, mas deixou de ser bagual, conserva apenas traços de seus instintos selvagens, que agora são só instintos que não podem ser aflorados. Finalmente aqui, há a descrição de Don Segundo Sombra, um gaúcho de alma domada, como é possível conferir no texto de Ricardo Güiraldes, pois sua personagem se mantém serena mesmo em situações de grande tensão:

Don Segundo, con una rapidez inaudita quitó el cuerpo, y el facón se quebró entre los ladrillos del muro con nota de cencerro. El tape Burgos dio para atrás dos pasos y esperó de frente el encontronazo decisivo. En el puño de Don Segundo relucía la hoja triangular de una cuchilla. Pero el ataque esperado no se produjo. Don Segundo, cuya serenidad no se había alterado, se agachó, recogió los pedazos de acero roto y con su voz irónica dijo: - Tome amigo y hágala componer, que así tal vez no le sirva ni pa carniar borregos. (GÜIRALDES, 2009, p. 85).

Don Segundo representa o cavalo em sua última etapa do processo de domesticação, uma vez que não faz mais uso da violência como forma de defesa. O que prevalece são gestos que demonstram sua aversão a peleias gratuitas.

Para se chegar a este estágio de doma, o domador tem que eleger seu estilo e definir qual o processo que será mais adequado para o melhor desempenho de sua função. Os estilos

giram em torno das domas irracional e racional, dependerá qual das duas se encaixa aos perfis do domador e do bagual a ser domado.

À continuação, são apresentadas características desses dois processos.

#### 4.1 DOMA IRRACIONAL

A doma irracional, trazida pelo branco colonizador, pode ser dividida em três etapas: manunciada, bocal e freio. Este estilo de doma é caracterizado pela brutalidade, pela submissão do cavalo frente ao homem. O animal sai da vida selvagem e livre para tornar-se instrumento de trabalho de seu repressor. Bayard Bretanha Jacques explica esse procedimento:

Os baguais encerrados na mangueira, com as tranqueiras de varas fechadas, deixavam de ser baguais para serem potros. Ou seja, a mão do homem impunha a primeira limitação de sua vida natural, de seus instintos. A partir desse momento começa a se consolidar o grande caudal que é a equitação gaúcha. Suas bases diferenciais estão nas limitações dessas primeiras rebeldias naturais, coisa que nas outras equitações começa quando nasce o potranco, nas cocheiras ou em pequenos poteiros, ligados já à intenção do homem de tê-los como animais domésticos. (JACQUES, 2008, p. 53).

O primeiro passo da doma começa no campo, parando o rodeio da tropilha de potros. Os baguais em idade de doma são apartados dos demais. Para isso, precisa-se de ajuda para levá-los até a mangueira e fazer com que atravessem a porteira. Eles bufam, tentam fugir em disparada, então é necessário esperar, deixá-los reconhecer o terreno. Depois é só fechar a porteira e começar a lida com laço, maneador e buçais deixados apartados no canto da mangueira. O domador laça ou põe no brete um a um dos cavalos para que sejam embuçalados, facilitando o próximo passo, que é a puxada:

A puxada é uma forma de sensibilizar a boca dos cavalos, em suas mais variadas formas: brandas, duras, violentas ou parcimoniosas, não é um ato de selvageria. É um ato racional [sic] e objetivo. Não é uma atitude aleatória ou psicopata. Analisando o tema, a puxada é uma tentativa de, pela sensibilização do queixo do cavalo, adiantar serviço, para que quando se monte o cavalo já esteja sensibilizado. (JACQUES, 2008, p. 76).

A puxada acontece no meio da mangueira, onde o cavalo é laçado, derrubado e, depois de maneado e sem possibilidade de machucar os domadores, ainda deitado leva três tirões de cada lado. Cada tirão é finalizado quando o cavalo reage, coiceando no ar. São seis tirões no

total. Enquanto um domador mantém a cabeça do animal contra o chão (para que este não se machuque), os outros puxam o maneador e o cabresto, esperando as reações.



Figura 2: Puxada

Foto: Suzana de Carvalho Dioscar Vieira. Fevereiro de 2016.

Terminado o processo de puxada, os cavalos embuçalados são enredados no maneador para tirar as cócegas. Ficam assim o dia inteiro e quantos dias mais forem necessários até que percam os sestros. Ficam presos pelas cordas a um palanque cravado, geralmente, bem próximo à mangueira. Este tem que ser muito forte para suportar manotaços, mordidas e tirões:

O palanque é extremamente primário e simples na sua concepção de dominar liberdades. Buçal, cabresto e palanque e já se pode começar a lida com esses cavalos, de maneira bastante científica. O palanque, que alguns pensam ser um instrumento bagual, chucro, está dentro dos ditames da equitação clássica. (JACQUES, 2008, p. 47).

Na sequência, estarão prontos para o primeiro galope. Um dos amadrinhadores sai para dar uma volta com o potro encilhado. Alguns aproveitam para corcovear, outros esperam o domador-ginete montar para se arrebeitar corcoveando. Assim, os dois, homem e cavalo, lutam para ver quem tem mais força.



Figura 3: Primeiro galope  
Foto: Suzana de Carvalho Dioscar Vieira. Fevereiro de 2016.

A cada galope dado há um estreitamento maior da relação entre homem-cavalo, processo evolutivo do ganho de conhecimento por ambas as partes. O cavalo diminui a vontade de lutar para sacar o ginete de seu lombo, enquanto o homem começa a prever e conhecer as reações de seu potro.

Estes passos da doma tradicional, chamada irracional, tende a ser mais invasiva e violenta, já que se medem forças, agilidade e competência. Este estilo de doma de cavalo, ainda mantido somente em algumas regiões do Brasil, segue à risca todas as instruções da cartilha. Por questões diretamente ligadas à violência, essa forma já está quase extinta. Existem leis que proíbem esta modalidade em que o cavalo é brutalmente domesticado, sem muitas possibilidades de defesa, a não ser corcovear e tentar se desvencilhar das maneias e dos maneadores. Mesmo assim, ela continua a ser empregada em muitas estâncias no Rio Grande do Sul e em outros lugares.

Os primeiros galopes do potro, para não assolear o animal, ocorrem no início da manhã e no final da tarde. Essas troteadas são realizadas com um bocal, instrumento que o cavalo também faz uso quando está preso na mangueira, durante dias. O estancieiro Jacques, comenta:

O bocal se usa porque é macio, e não como se pensa, porque é bravo, áspero. O bocal é uma guasca sovada, desquinada, que se ata ao queixo dos potros. Sua utilização, que aos neófitos pode parecer erradamente uma intenção de martírio, é sim uma forma branda e progressiva de ensinar ao cavalo os comandos que mais tarde lhe serão exigidos pelo freio, pelo ferro. (JACQUES, 2008, p. 73).

O bocal, preso por rendilhas, rédeas mais compridas que as usadas nos processos seguintes, serve para ajudar a sujeitar o cavalo, conter velocidade e reações indevidas, é quase um freio, mas sem ferros em sua composição.

O cavalo, ainda considerado um redomão, é submetido a esse instrumento durante trinta e cinco ou quarenta dias, dependerá da evolução de cada animal. Depois, já pode ir para o campo “refrescar a boca” por uns dias. Ao retornar para a mangueira, inicia-se a próxima etapa da doma, a enfrenada, quando o cavalo fica na mangueira mascarando o freio, acostumando-se com um ferro em sua boca. Nos primeiros momentos, tenta resistir, fica nervoso, depois vai se entregando, processo que dura, mais ou menos, vinte dias. Após isso, é solto por uns quinze dias para o campo e, quando volta à lida, é trabalhado de baixo, ou seja, sem ginete montado.



Figura 4: Enfrenada de baixo  
Foto:Suzana de Carvalho Dioscar Vieira. Abril de 2016.

Já estando domado de baixo, é hora de montar e seguir os galopes, que vão se alongando, ganhando distâncias a cada dia. Conforme o andamento, já se pode ir começando as lidas campeiras, usando o cavalo para tocar o gado, atirar o laço, segurar um boi preso no laço, sozinho. Quando atingir todos esses pontos, pode ser considerado, finalmente, domado e “de toda a confiança”, fala esta do domador ao entregar o animal para o seu dono.

A tradicional doma irracional vem sendo substituída por outro estilo, a doma racional, que vem permeando e suavizando essa que é considerada extremamente violenta. Jacques comenta sobre as diferenças e proximidades entre os dois processos:

Existem dois extremos na equitação gaúcha: a doma do índio e a doma do branco. O branco provocava a reação e dominava. O índio evitava a reação, estava psicologicamente mais adiantado. Um ponto comum aos dois seria o palanque, que é o começo, a primeira limitação da liberdade. O que talvez deva se buscar é o caminho do meio, o da virtude. (2008, p. 56).

A doma irracional, como já adiantado anteriormente, vem desaparecendo gradualmente do cotidiano gaúcho e, ao tranco, a modalidade racional vem ganhando força pela questão da abolição do que é considerada violência animal. A seguir, enfoco esse outro estilo de doma.

## 4.2 DOMA RACIONAL

Como tratamos anteriormente, o adestramento racional possui estilo muito diferente do utilizado na doma irracional. Esta modalidade exige paciência e muito tempo, como também extrema sensibilidade para entender o animal a ser adestrado. É um processo de reconhecimento e de ganho de confiança sem utilizar, em qualquer momento, a violência.

O adestramento é uma modalidade afamada pelos ensinamentos do criador de cavalos Monty Roberts, descendente dos índios cherokees que escreveu o livro *O homem que ouve cavalos*. Essa obra foi levada às telas de cinema e se tornou muito conhecida, provocando reflexões sobre a forma de como lidar com os animais. Para o autor, a violência não pode ser um caminho para o adestramento. Soube disso desde sua infância, quando trabalhava no rancho de seu pai, conforme relata: “Eu não estava pronto para aquele negócio de bater nos animais com sacos e nem para amarrar suas pernas. Nunca quis fazer isso e não o faria se pudesse evitar durante toda a minha vida” (ROBERTS, 2001, p. 36). Esse entendimento o fez criar seu próprio método de como sujeitar os cavalos ao domínio do cavaleiro.

No adestramento racional, a comunicação entre homem e cavalo acontece naturalmente. O cavalo só precisa sentir que não ocupa o lugar de presa, e o domador não olha o cavalo nos olhos, pois, quando sente que está sendo observado pelo animal, abaixa os olhos em sinal amistoso e despretensioso. Conforme aponta Roberts, “a ação fala mais alto do que palavras”:

Este é um provérbio que nós, humanos, usamos frequentemente. Geralmente, entretanto, não conseguimos levá-lo à risca. O cavalo tem uma língua previsível, reconhecível e efetiva. A coisa mais incrível sobre essa língua é que o animal não precisa de intérpretes. Em todo o mundo eles compreendem e são compreendidos através de EQUUS. É espantoso que nós, humanos, que possuímos o mais fenomenal cérebro da Terra, muitas vezes necessitamos de ajuda para nos comunicarmos uns com os outros. (ROBERTS, 2001, p. 315).

Nesse método, as etapas têm uma sequência bastante distinta da doma tradicional ou irracional, uma vez que se começa pela “conjugação”, nome dado por Roberts, do adestrador

com um jovem cavalo ainda indomado: joga-se uma corda comprida em direção ao cavalo, fazendo com que ele entre em pânico e comece a “voar”. Logo, já acostumado com o instrumento utilizado, o galope diminuirá quando o animal sentir que não está sendo ameaçado.

À medida que o medo vai diminuindo, gradualmente, o animal começará a dar indicações de vínculo, esticando e abaixando o pescoço. Segundo Roberts “ele está dizendo: ‘ok, estou pronto para conversar’” (2001, p. 153).



Figura 4: Aproximação  
Fonte:<http://www.montyroberts.com/>

Deve-se evitar encarar o animal diretamente e demonstrar que o domina, pois ele precisa sentir que não está sendo ameaçado por um predador. Caminha-se e afasta-se do cavalo, repetidas vezes, até o animal, finalmente, obrigá-lo a tomar uma decisão, se seguirá o novo estranho líder ou irá resistir. Se ainda não houver a submissão do animal, o adestrador repetirá a ação até conseguir atingir o seu objetivo.

Na prática do autor estadunidense, é possível lograr o adestramento em um único dia, porém, para pretensos adestradores, o tempo pode durar vários dias ou semanas, conforme suas habilidades e de acordo com a índole do cavalo. Depois de vencido, o cavalo seguirá o líder e, na sequência, permitirá que o encilhem, coloquem as rédeas e o montem.



Figura 5: Submissão  
Fonte: <http://www.montyroberts.com/>

A modalidade racional é mais adestramento do que doma propriamente dita, pois o cavalo aprende depois de receber várias vezes o mesmo comando. Isso faz com que memorize cada um deles. Geralmente, este estilo não serve para provas funcionais, como, por exemplo, para competições que exijam movimentos imprevisíveis, como corridas utilizando bois (paleteadas, prova de mangueira, etc.).

Apresentados os dois processos, é possível ainda identificar uma terceira forma, que se deriva da utilização de etapas do método racional trabalhados no irracional. Cada modalidade possui suas características muito distintas uma da outra, mas, quando se mesclam as etapas, se obtém resultados rápidos e bem menos violentos. Exemplo disso é o abandono do uso de esporas.

## 5 DOMA EM DON SEGUNDO SOMBRA

Don Segundo Sombra tem como uma de suas profissões a doma. Ele obedece, de acordo com os ensinamentos que dá para Fabio Cáceres, os preceitos da doma irracional. Sua personalidade, no entanto, demonstra que ele foi adestrado por Ricardo Güiraldes, e não domado de forma irracional, pois não sofre violências e nem as pratica.

Don Segundo teve a função de apadrinhar Fabio desde a infância, passando a ele seus conhecimentos de domador, desde como encilhar um bagual até como enfrenar e tornar um cavalo pronto para a montaria; como também passou seus conhecimentos de tropeiro vivido e, principalmente, transmitiu ao piá seus conhecimentos de mundo, como vive um *gaucho* pampiano que presa a liberdade e o respeito. Fabio seguiu todos os ensinamentos, foi, por muitos anos, a sombra de Don Segundo, prestando atenção em cada conselho de seu padrinho. A primeira gineteada de Fabio foi um dos marcos mais fortes do início dessa jornada, conforme o trecho:

Con risas y al compás de dicarachos agarraron y ensillaron mi petiso, más pronto de lo que era menester para que yo pensara en mi temeridad. Horacio tomó el potrillo de la oreja, le dió unos zamarreones.

– Cuando querrá h’ermano.

Con sigilo me acerqué, puse el pie en el estribo y bolié la pierna, tratando de no despertar demasiado pronto las cosquillas del cebrunito.

Las bromas me ponían nervioso. ¿Para dónde iría a salir el petiso? ¿Cómo prevendría yo el primer movimiento?

Había que concluir de una vez y, tomando mi coraje a dos manos, después de haberme acomodado del modo que juzgué más eficiente, di la voz de mando. (GÜIRALDES, 2009, p. 126).

Fabio aprendeu também como tratar com o patrão sobre empreitadas, como preços, quantidade de baguais que podia pegar a cada primavera, os aperos necessários, entre outros detalhes. Tinha de se ser firme na hora do acordo.

– Si necesita algún maniador, riendas o lo que se ofrezca, yo le puedo emprestar lo que guste.

– Muchas gracias. Creo que tengo todo.

A pesar de mi fatiga no pude dormir la siesta, pensando en cómo haría para asistir a la domada. Sabía que el patrón había recomendado a Don Segundo el mayor cuidado, visto su peso, pero, ¿hasta dónde puede evitarse que un potro corcovee? (GÜIRALDES, 2009, p. 101).

Don Segundo deixou aclarado, desde o início, que a vida de domador e de tropeiro não era fácil, requeria muito do gaúcho que optasse por esse caminho, exigiria tanto força corporal

como mental. Tinha-se que gostar do que fazia acima de tudo. Fabio observava cada ação de seu padrinho, sua agilidade na lida com os potros o fascinava, fazia com que espreitasse a distância. Fugido de seus afazeres predeterminados, se escondia para ver a lida na mangueira. Essas observações se constataam, por exemplo, com a passagem: “la cuarta quiso librarse del bulto que pesaba en sus lomos, pero fue vencida por las manos potentes del domador, que le impedía agachar la cabeza. La quinta fue trigo de otra chacra, y, como no pudiera correr, corcoveó furiosamente, a vueltas, del modo más duro y peligroso” (GÜIRALDES, 2009, p. 101).

Observar aquele homem corpulento agir como um gato com os baguais encantavam o guaxo criado por Don Segundo. Percebia que domar não era somente a prevalência da força, mas a capacidade de lidar prudentemente de acordo com cada reação do cavalo. Aquelas imagens deveriam ser armazenadas em sua memória. Sabia que se tornar um domador não era tarefa simples, mas era o que queria fazer, e seu caminho o tinha levado até ali, aprendendo as lições da doma:

Era como si ambos estuviesen atentos a un intenso trabajo mental, hecho de malicias y sorpresas, de resistencia y bizarría. El animal, ya entregado, resistió pasivamente los tirones que debían ablandarle la boca. Don Segundo se desmontó en un salto ágil, que le colocó a distancia prudente. (GÜIRALDES, 2009, p. 102).

A doma deve ser vista como qualquer outra profissão que requer habilidade e responsabilidade do executor. Correm-se riscos, por isso cada movimento tem que ser previsto, e as reações antecipadas. Incitar a violência do animal, gineteá-lo, como tomam alguns por profissão, esporear o animal fazendo com que corcoveie, não irá amansá-lo, o efeito será contrário. Nem sempre quem tem o dom de se afirmar nos arreios tem o dom de domador ou de campeiro. Os que se dedicam a rodeios sem vivenciar as lidas campeiras são os ditos *ginetes*, vivem de rodeios; mas Fabio estava decidido a ser a sombra de seu padrinho, conforme o seguinte aparte: “Medio dormido me acomodé en un rincón, cerca de un grupo formado por Don Segundo, Valerio y Goyo, que quería aprender el oficio, y escuchaba en lo posible los comentarios del trabajo brutal, lleno de sutilezas y mañas”. (GÜIRALDES, 2009, p. 104).

Depois de ouvir os relatos dos domadores profissionais, Fabio, decidido que queria domar e não apenas ser um ginete, resolveu montar seu petiço. O intento não deu muito certo e, depois de sofrer com as mataduras da gineteada mal sucedida e com as risadas de seus

companheiros de tropeada, aceitou a ajuda de seu padrinho para iniciar a doma de seu cavalo, conforme vemos no trecho abaixo:

Guiado por los cencerros caminé hasta ver la gran silueta del paisano, abultada por la noche.

– Güen día, Don Segundo.

– Güen día, muchacho. Te estaba esperando para hablarte.

– Diga, Don.

– ¿Vah’a volver a ensillar tu potrillo?

– ¿Y de no?

– Güeno. Yo te vi’a ayudar pa que no andés sirviendo de divirsión ‘e la gente. Aquí naides nos va a ver y vah’ hacer lo que yo te mande.

– Cómo no, Don Segundo.

De los tientos de su encimera lo vi sacar el lazo. Luego tomó mi bozal, revisó el cabresto que era fuerte y me ordenó que lo siguiera.

[...] Con paciencia, Don Segundo fue colocando bajeras, bastos y cincha. Cuando tiró del correón, el potrillo quiso debatirse, pero era ya tarde. Los cojinillos completaron rápidamente la ensillada.

Asombrado miraba yo el dominio de aquel hombre, que trataba a mi petiso como a un cordero guacho”. (GÜIRALDES, 2009, p. 137).

Aquilo era doma, saber o que fazer, cada coisa em seu tempo, sincronia total das ações. Fabio sentia-se seguro com o seu ídolo o apadrinhando. Podia largar o bagual, entendia que o que deveria saber havia sido dito momentos antes de estar pronto para apertar as pernas e tironear o cavalo. Tudo correu de acordo com os ensinamentos passados, o petiço estava iniciado e o piá tal qual o petiço.

A manunciada que se iniciou na fazenda, ponto de encontro e estreitamento de relações entre padrinho e afilhado, estava quase em fase de acabamento. O piá havia aprendido muito com aquela tropilha, a primeira que estava vendo ser iniciada e quase entregue ao patrão, mansa, bem diferente de quando foi vista quando chegou Don Segundo naquela mangueira:

A los quince días estaban mansas las yeguas. Don Segundo, hombre práctico y paciente, sabía todos los recursos del oficio. Pasaba las mañanas en el corral manoseando sus animales, golpeándolos con los cojinillos para hacerles perder las cosquillas, palmeándoles las ancas, el cogote y las verijas, para que no temieran sus manos, tusándolos con mil precauciones para que se habituaran al ruido de las tijeras, abrazándolos por las paletas para que no se sentaran cuando se les arrimaba. Gradualmente y sin brusquedad, había cumplido los difíciles compromisos del domador y lo veíamos abrir las tranqueras y arrear novillos con sus redomonas. (GÜIRALDES, 2009, p. 105).

Ver os cavalos passarem por todas as etapas da doma – manunciada, bocal e enfrenada – era, para Fabio, como fazer o acompanhamento de sua própria vida. Depois de se rebelar e fugir de casa, foi criado por Don Segundo, que o fez gaúcho, domador e domado. Sabia, a

partir dali, que estava pronto para seguir seu caminho, apesar de alguns medos o atormentar, como permanecer enfrenado, sujeito à porteira e divisas de terra, de ter sua alma embuçalada e guiada por outras rédeas. De acordo com o diálogo a seguir, constatamos essas apreensões de Fabio:

- ¿Qué es lo que busca? – pregunté fastidiado por su insistencia.
  - La manea.
  - ¿Ande la tiene?
  - Creiba que te la habías puesto.
- Un momento tardé en darme cuenta de su decir. Cuando comprendí hice lo posible por reírme, aunque me sintiera burlado con justicia.
- No es que me haiga maniao Don, pero tengo miedo qu’el patrón se me siente (GÜIRALDES, 2009, p. 107).

Don Segundo era sujeito livre, não cultivava raízes, seu rancho era o pampa, cujas linhas divisórias nada mais eram que a linha do horizonte. Fabio, ao descobrir-se herdeiro de estância, limitou seus pagos, apesar de se sentir um tanto infeliz por não mais poder acompanhar Don Segundo. Aceitou a nova condição, passou de peão para patrão, muita coisa para a idade que tinha, mas trazia consigo as vivências da lida campeira, iria ser um patrão que havia começado de baixo e que cresceu, passou por cada etapa até atingir o auge. Esses não eram, no princípio, os objetivos traçados por sua mente de aspirante a domador, como é possível perceber no seguinte trecho: “así hubiese sido hijo legítimo, el hecho de poder llevar un nombre que indicara un rancho y una familia me hubiera parecido siempre una reducción de libertad; algo así como cambiar el destino de una nube por el de un árbol, esclavo de la raíz prendida a unos metros de tierra” (GÜIRALDES, 2009, p. 303).

Seguindo a trajetória das personagens Fabio e Don Segundo, se constata que ambos se recusam a ter seus espaços limitados. Embora Fabio tenha tido sua vida mudada, continua inquieto em relação a sua liberdade. Trazia em seus pensamentos os conselhos de seu padrinho, após saber que se tornara um estancieiro: “Mirá – dijo mi padrino, apoyando su mano em mi hombro –. Si sos gaucho en de veras, no has de mudar, porque andequiera que vayas, irás con tu alma por delante como madrina y tropilla” (GÜIRALDES, 2009, p. 300).

Retomando a comparação com os procedimentos da doma, é possível afirmar que a personagem Don Segundo está amansada na forma racional da doma, sendo que as personagens que a antecederam, Facundo e Martín Fierro, foram as que passaram pelo manunção, sujeitas ao bocal e ao freio. A personagem de Güiraldes é criada na condição de sujeito domado e, no intuito de preservar raízes relacionadas à cultura e sentimentos de *gaucho*, preservou a função de domador, demonstrando força e coragem. Mas, longe de

representar a brutalidade, se dedica, além desta função profissional, à criação de um piá, encarregando-se de torná-lo um homem forte e de caráter firme, conhecedor da lida e da vida, conforme apresentado na cena que descreve o primeiro encontro das personagens principais:

Al cruzar una calle espanté desprevenidamente un caballo, cuyo tranco me había parecido más lejano, y como el miedo es contagioso, aun de bestia a hombre, quedéme en el barrial sin animarme a seguir. El jinete, que me pareció enorme bajo su poncho claro, reboleó la lonja del rebenque contra el ojo izquierdo de su redomón, pero como intentara yo dar un paso, el animal asustado bufó como una mula, abriéndose en larga ‘tendida’. Un charco bajo sus patas se despedazó chillando como un vidrio roto. (GÜIRALDES, 2009, p. 78).

Esta passagem de *Don Segundo Sombra* marca, como anunciado por Sara Parkinson de Saz na introdução do livro, o desafio de se enfrentar o medo e o perigo para poder sentir-se um monarca dos pampas. Esse era o sonho do escritor, ou seja, fazer parte da imagem descrita por ele, ocupar o lugar de detentor de determinada situação, o ser supremo na arte de dominar um ser selvagem, conforme explica a crítica argentina:

El escritor evoca la figura de un gaucho domando un potro y describe la escena desde un punto de vista subjetivo: es el escritor quien sueña con estar montado en el potro, enfrentándose con el peligro y hasta con la muerte que deprecia: “entonces me sentía hermoso, hermoso como los antiguos griegos, hermoso de desprecio hacia la muerte, haciendo como el torero todo un encaje de movimientos con el peligro, desafiándolo, buscándolo siempre para mantenerme en mi estado de desprecio”. (SAZ in GÜIRALDES, 2009, p. 36).

Don Segundo assume a posição de um tipo domado, personagem literária que suportou tirões e esporeadas, mas sobreviveu a tudo, mostrando que ser *gaucho* não significa ser violento e de coração bruto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observações de Jorge Luis Borges apontam que, no século XIX, a crítica literária propunha que houvesse uma obra de representação de cada nação. Assim, segundo o que destaca Borges, o ensaísta escocês Thomas Carlyle “escreveu que a Itália estava resumida na *Divina Comédia* e a Espanha no *Quixote*” (BORGES, 2005, p. 88). Seguindo esse preceito, *Facundo* foi, durante muito tempo, colocada como obra de maior destaque argentino e, no início do século XX, o escritor Leopoldo Lugones reivindicou que o poema *Martín Fierro*, definido como épica nacional, fosse reconhecido como livro canônico de maior expressão da literatura argentina.

Com a publicação de *Don Segundo Sombra*, em 1926, Lugones reconsidera sua eleição, reconhecendo que *Facundo*, *Martín Fierro* e *Don Segundo Sombra* pertencem a uma mesma linha familiar: “[*Don Segundo Sombra*] pertenece a la familia del *Facundo* y del *Martín Fierro*. (...) Describe la formación del trabajador rural de nuestra campaña gaucha o sea lo que es el gaucho y lo que siempre fue.” (LUGONES in BOSAK, 2006, p. 52).

Essa afirmação do poeta argentino foi publicada no jornal *La Nación* no dia 12 de setembro de 1926, ou seja, no mesmo ano do lançamento do livro de Ricardo Güiraldes. Lugones, com perspicácia, já reconhecia a importância literária de *Don Segundo Sombra*, colocando a obra no mesmo patamar de outras duas produções de grande destaque da literatura do seu país. Sua sentença foi acompanhada de uma análise que colocava as três obras dentro de uma relação de fundação da nacionalidade, pois, para ele, “*Facundo* era a tese na qual a ideia de civilização era trazida pela capital cosmopolita, Buenos Aires, em oposição ao Pampa, semidesértico, com características de atraso cultural, onde imperava a barbárie.” (BOSAK, 2006, p. 52).

Nas considerações de Lugones, se *Facundo* é a tese, *Martín Fierro* será a antítese, pois “o *gaucho* é apresentado como o verdadeiro representante das massas campesinas do Prata. Se marginal é, isso não ocorre por escolha própria, mas por culpa de uma sociedade altamente excludente, que não dá espaço a esse tipo social anteriormente majoritário no campo.” (idem, p. 53).

A pesquisadora Joana Bosak destaca que o conflito em *Don Segundo Sombra* não é com a sociedade, mas sim interiorizado na personagem de Fabio. Dessa forma, dentro da concepção de Lugones, essa obra é a síntese, uma vez que “o acerto de Güiraldes foi ter

conseguido chegar ao difícil equilíbrio entre o relato como testemunho memorialista do homem do campo e a reflexão letrada de um homem do mundo.” (idem, p. 55).

No presente trabalho, acompanhando a relação entre *Facundo*, *Martín Fierro* e *Don Segundo Sombra* feita por Leopoldo Lugones, propus um acolhimento entre as obras literárias e os processos de doma do cavalo para identificar uma trajetória de doma literária da figura do gaúcho. Em cada uma dessas produções, são apresentadas personagens identificadas como gaúchos, porém suas personalidades se diferem uma da outra, sem apagar traços identitários que as cabresteiam nas ruralidades pampianas de uma obra para outra. Nesse sentido, *Facundo*, como personagem de Domingo Faustino Sarmiento, será um bagual, ou seja, um cavalo xucro sem respeito à civilização, gaúcho indomado que sempre será indomável. Já o *Martín Fierro* de José Hernández não se apresenta nessa linearidade, pois, se por vezes dá ares de um sujeito tranquilo, ainda possui rompantes de agressividade. Igual a um redomão, esse gaúcho que parece manso, se lhe tocam as esporas, se arrebenta corcoveando. *Don Segundo Sombra*, por sua vez, volta a uma característica linear do gaúcho, porém, contrariamente de *Facundo*, é um tipo dócil e calmo, e seu respeito é adquirido através de sua serenidade, demonstrando uma sabedoria construída com paciência e experiência. Assim como um cavalo domado, *Don Segundo Sombra* é confiável e, na literatura, digno de pertencer à nação.

A personagem *Don Segundo Sombra* é um domador, tanto como profissão quanto como padrinho de Fabio. Mas a grande façanha do romance é que Ricardo Güiraldes, autor urbano e letrado, ao buscar a existência do homem do campo, domou a figura do gaúcho, apresentando outra visão deste vivente pampiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLOTTI, Virginia. De los orígenes del gaucho: un vagabundo en fronteras inciertas. In: Revista de la Academia Nacional de Letras. Año I, nº 2. Montevideo, janeiro/fevereiro de 2007. p. 167-203.
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. **O “Martín Fierro”**. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- BOSAK, Joana. **A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 2ª edição.
- DE DIEGO, José Luis. La novela de Aprendizaje en Argentina. In: Revista Orbis Tertius. Buenos Aires, 1998. Disponível em: <http://www.orbistertius.unlp.edu.ar/>. Acessado em 19 de maio de 2016.
- GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso**. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.
- GÜIRALDES, Ricardo. **Don Segundo Sombra**. 13ª ed. Buenos Aires: Cátedra Letras Hispánicas, 2009 [1926].
- GUYARD, Marius-François. Objeto e método da literatura comparada. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 2ª edição. p. 97-107.
- HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**. Buenos Aires: Editorial Acme S. A. C. I., 1967.
- HOHLFELDT, Antônio. O gaúcho: tipo social de tríplice representação. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena (Orgs.). **Cone sul: fluxos, representações e percepções**. São Paulo: Huicitec, 2006. p. 1-71.
- JACQUES, Bayard Bretanha. **Registros da eficiência da equitação gaúcha: primeiros escritos**. Jaguarão: Autor, 2008.
- MEYER, Augusto. **Prosa dos Pagos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 2ª edição. p. 175-190.

ROBERTS, Monty. **O homem que ouve cavalos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **O homem que ouve cavalos**. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=doma+racional++imagem&tbm=isch&imgil=8eo09fmYLzAStM%253A%253Bj0kyw5ZHj4KITM%253Bhttp%2>. Acessado em 28 de junho de 2006.

ROCCA, Pablo. Acerca de las representaciones de lo rural. In: Revista Tradiciones Rurales. Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación. Montevideo, 26 e 27 de setembro de 2009. p. 14-22.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**. Buenos Aires: Elaleph, 1999.

SAZ, Sara Parkinson de. Introdução. In: GÜIRALDES, Ricardo. **Don Segundo Sombra**. 13ª ed. Buenos Aires: Cátedra Letras Hispánicas, 2009 [1926]. p. 11-64.

SCHLEE, Aldir Garcia. **Simões Lopes Neto e a literatura dos povos latinos**- Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, n.3, p.77-88, setembro de 1989.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Suave convívio: Literatura comparada e psicanálise. In: MASINA, Lea; CARDONI, Vera (Orgs.). Literatura e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. p. 47-61.

VÁZQUEZ, María Esther. **Borges, sus días y su tiempo**. Buenos Aires: Punto de lectura, 2009.